

MÚSICA ANTES, PALAVRA DEPOIS: SOBRE A
REALIZAÇÃO DO REPERTÓRIO DA CATEQUESE
COM INSTRUMENTOS MUSICAIS
NAS MISSÕES JESUÍTAS BRASILEIRAS

Patricia Michelini Aguilar
Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ
Email: patriciamichelini@gmail.com

Resumo:

O processo de catequização das crianças indígenas nas missões jesuítas brasileiras foi bastante peculiar, certamente diferenciado do que ocorria nos colégios europeus. Os padres inacianos precisaram aprender a língua local, adaptar os processos e materiais pedagógicos e proporcionar aos curumins uma vivência religiosa da qual eles nada conheciam. O uso da música foi essencial para estabelecer uma conexão mais próxima, atrativa aos índios, servindo ao mesmo tempo de isca para a catequese e de reforço ao aprendizado da doutrina. Embora essencialmente vocal, boa parte do repertório musical da catequese foi realizado em instrumentos, particularmente em flautas, amplamente empregadas pelos missionários, sobretudo nas primeiras décadas de sua atuação (1550-1610). Nesta comunicação, pretendemos demonstrar que o ensino de instrumentos musicais às crianças indígenas, particularmente de flautas, não visava apenas proporcionar uma variação instrumental ao repertório, mas também estabelecer um elemento uniformizador de resposta à doutrina. A barreira da língua e a compreensão real do conteúdo cristão eram algumas das maiores dificuldades enfrentadas pelos padres, mas a realização da música pelas flautas de certa forma minimizava tais obstáculos e proporcionava a sensação de êxito na atividade missionária. Se a palavra é necessária para concretizar e explicitar o pensamento, enquanto a música potencializa seu significado, nas missões jesuítas brasileiras os papéis parecem ter se invertido: a música serviu antes como recurso de assimilação, e a palavra, em língua desconhecida, constituidora de

um texto complexo, foi por muitas vezes elemento acessório e não totalmente assimilado.

Palavras-chave: Jesuítas. Doutrina. Catequese. **Música instrumental.** Prática coletiva. Flauta. Flauta doce.

First, music; then, the word: about practicing catechesis repertoire with musical instruments in Brazilian Jesuit sites

Abstract:

The process of catechizing indigenous children in Brazilian Jesuit missions was quite peculiar, certainly different from what happened in European colleges. Ignatian priests needed to learn the local language, adapt pedagogical processes and materials, and provide children with a religious experience of which they knew nothing. The use of music was essential to establish a closer connection, attractive to the Indians, while serving as bait for catechesis and strengthening the learning of doctrine. Although essentially vocal, much of the musical repertoire of catechesis was performed on instruments, particularly on recorders, widely used by missionaries, especially in the first decades of their performance (1550-1610). In this communication, we intend to demonstrate that the teaching of musical instruments to indigenous children, particularly recorders, was not only intended to provide an instrumental variation to the repertoire but also to establish a unifying element of response to doctrine. The language barrier and the actual understanding of Christian content were some of the greatest difficulties faced by the priests, but the performance of the music by the recorders in a way minimized such obstacles and provided a sense of success in missionary activity. If the word is necessary to concretize and make explicit the thought, while music enhances its meaning, in the Brazilian Jesuit missions the roles seem to have been inverted: music served before as a resource of assimilation, and the word, in unknown language, constituting a complex text, was often accessory element and not fully assimilated.

Key words: Jesuits. Doctrine. Catechesis. Instrumental Music. Collective Music Practice. Flute. Recorder.

1. INTRODUÇÃO

Em agosto de 1549 chegaram ao Brasil os primeiros missionários jesuítas, liderados pelo Pe. Manoel da Nóbrega. Visando primordialmente catequisar os *gentios*, percorreram boa parte do litoral do Nordeste e Sudeste, exercendo pregação itinerante, ao mesmo tempo em que estabeleciam casas de ler e escrever, futuros colégios, em aldeias e centros urbanos estrategicamente localizados.

O processo de catequização dos índios nas missões brasileiras foi bastante peculiar, diferenciado do que ocorria nos colégios europeus. Antes de aprender a língua da terra, os padres inacianos precisaram recorrer aos tradutores locais, adaptar os processos e materiais pedagógicos e proporcionar às crianças indígenas, alvo principal de suas investidas, uma vivência religiosa da qual eles nada conheciam.

O uso da música foi essencial para estabelecer uma conexão mais próxima, atrativa aos índios, servindo ao mesmo tempo de isca para a catequese e de reforço ao aprendizado da doutrina. Os meninos aprendiam a cantar orações, cantigas devotas e o repertório básico da catequese, primeiramente em sua língua nativa e depois em português e latim; aqueles que se destacavam aprendiam também a tocar instrumentos, e rapidamente eram recrutados para auxiliar os padres nas procissões, missas e demais atividades religiosas.

Neste texto, pretendemos demonstrar que a prática jesuíta de fazer os meninos índios tocarem o repertório religioso com instrumentos musicais, sobretudo com flautas, não visava apenas proporcionar uma alternativa timbrística ao uso das vozes, ou reproduzir o modelo europeu; servia também para estabelecer um elemento uniformizador de resposta à doutrina. A barreira da língua e a compreensão real do conteúdo cristão eram algumas das maiores dificuldades enfrentadas pelos padres, mas a realização da música pelas flautas de certa forma minimizava tais obstáculos e proporcionava a sensação de êxito na atividade missionária, sobretudo nas primeiras décadas de atuação dos inacianos.

A partir da análise de cartas e relatos produzidos pelos jesuítas entre os anos de 1549 e 1614, com apoio da bibliografia especializada, apresentaremos elementos comuns e específicos da metodologia de ensino da doutrina empregada pelos

1. A primeira doutrina em português de um padre jesuíta, a do Pe. Marcos Jorge, foi publicada em 1566 (*Doctrina Christaa ordenada a maneira de Dialogo para ensinar os meninos*. Lisboa: Francisco Correa, 1566). Alguns outros catecismos, não jesuítas, haviam sido publicados antes, e certamente as instruções e os textos constantes nestas doutrinas e na dos jesuítas já eram praticados por seus autores e discípulos antes de serem formalizados nas publicações, servindo como modelos para a evangelização nas colônias. O Concílio de Trento (1545-1563), fundamental para definir as diretrizes da Igreja Católica e ordens subordinadas, ainda estava em curso, com muitos pontos passíveis de discussão. No plano pedagógico, as primeiras instruções de Loyola foram redigidas em 1556 e a *Ratio Studiorum* foi publicada somente em 1598.

padres no Brasil e na Europa; falaremos brevemente sobre o processo de ensino de música e dos instrumentos, para então refletirmos sobre a função e uso dos instrumentos em nossas considerações finais.

2. O ENSINO DA DOUTRINA NOS COLÉGIOS JESUÍTAS EUROPEUSE NAS MISSÕES BRASILEIRAS

Um dos grandes diferenciais da ordem jesuíta em relação às outras era o investimento e a atenção dada à educação formal (O'MALLEY, 2000, p.1-2). Nos primeiros anos de atuação no Brasil, os jesuítas preocuparam-se em formar escolas de educação elementar, as chamadas casas de ler e escrever. Coube ao padre Manoel da Nóbrega a tarefa de organizar o ensino nestas instituições, futuros colégios. As casas eram destinadas aos meninos órfãos de Lisboa, aos mamelucos e aos filhos de caciques (NUNES, 2008, p.6).

As práticas instituídas por Nóbrega e demais padres, tanto para a catequese quanto para o ensino elementar, foram baseadas em suas experiências anteriores na Europa e, principalmente, nas observações *in loco* a partir da receptividade dos índios frente a suas ações. Afinal, quando chegou ao Brasil em 1549, a Companhia de Jesus ainda não havia produzido ou aprovado oficialmente nem um catecismo unificado, nem um plano pedagógico formal¹.

Desde o início, o material pedagógico adotado na catequese (doutrina) tinha conteúdo semelhante ao empregado nas casas e colégios para o ensino da leitura e escrita (cartilha), tanto na Europa como nas colônias. Kate van Orden (2006, p.209) nos traz um exemplo disso, mostrando que a cartilha do padre jesuíta francês Jacques Cossard, *Methodes pour apprendre a lire, a escripre, chanter le plain chant, et compter* (Paris, 1633), tinha como primeira lição o *Pater Noster* dividido em sílabas, e já na segunda lição os estudantes deveriam identificar as sílabas da *Ave Maria*.

De fato, na Europa dos séculos XVI e XVII os colégios jesuítas ensinavam primeiro o latim elementar, fazendo a correspondência com as orações básicas (*Ave Maria, Pater Noster*), que as crianças certamente já conheciam das missas que frequentavam. Num segundo momento dedicavam-se ao ensino formal da língua vulgar, ou seja, da língua materna das

crianças. O ensino desta língua, sobretudo o ensino da leitura, estava relacionado com a educação social dos alunos. Orden explica que eram usados para este fim manuais de boas maneiras para crianças, como traduções dos livros de Erasmo de Roterdã e Castiglione² (2006, p.212). No Brasil, considerando que os meninos índios não falavam português e não tinham nenhuma referência de liturgia, o processo foi invertido. Primeiramente eram introduzidas noções básicas da língua portuguesa, com o auxílio dos tradutores locais; depois, quando possível, ensinava-se latim.

Estes tradutores locais, padres e irmãos que aprendiam as línguas nativas, eram chamados de *línguas*; eles foram responsáveis pelas primeiras traduções ao tupi dos textos essenciais para a doutrina, textos estes utilizados por Manoel da Nóbrega e seus companheiros na rotina da catequese e das casas e colégios da Bahia, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo Barros:

Esse grupo de jesuítas “línguas” não tinha o perfil do quadro jesuítico vindo da Metrópole. Uma boa parte dos irmãos “línguas” admitidos no Brasil no século XVI teve de ser encaminhada para ordenação com pedidos de dispensas por motivos variados. O pedido de dispensa para ser ordenado padre apontava para o fato de que aquela pessoa não correspondia ao perfil requerido pela metrópole, mas ainda assim se pleiteava sua entrada ou promoção na Ordem, por dominar o tupi (BARROS, 2008, p.10).

Dentre os padres, os melhores *línguas* da fase inicial de atividade missionária foram Pero Correia, ex-colono e ex-escravista, e João de Azpilcueta Navarro, um dos primeiros a adaptar o *Pater Noster* para a música dos índios (TINHORÃO, 2000, p.27; CASTAGNA, 1994, p.2). Villas Bôas considera que os primeiros catecismos em língua nativa eram, na verdade, destinados aos missionários europeus, e não aos estudantes, pois neles encontram-se meras reproduções do texto da doutrina, sem reflexão sobre conteúdo; serviam como guia para as pregações (2009, p.169).

Junto a este grupo, havia ainda o dos meninos do Colégio dos Órfãos de Lisboa, que chegaram ao Brasil entre 1550 e 1555 para ajudar os jesuítas no processo de catequização. Ao perceberem a capacidade que estes meninos tinham de se entrosar com os curumins, os padres inacia-

2. ERASMUS ROTERODAMUS, Desiderius (Erasmus de Roterdã). *De civilitate morum puerilium libellus*. Basileia: Froben, 1530; CASTIGLIONE, Baldassare. *Il libro del cortegiano*. Veneza: AldusManutius, 1528.

<?> Tal iniciativa recebeu críticas veementes por parte do bispo visitador D. Pedro Fernandes Sardinha, que não tardou a reportar o fato aos superiores em Portugal em carta de 1552, mesmo ano que chegou à Bahia. Sua postura gerou desconforto com o Pe. Nóbrega, que defendia as práticas adotadas até então, mas acabou por surtir efeito: quando o Pe. José de Anchieta chegou ao Brasil, em 1553, ao que tudo indica já estava proibido o uso de música e instrumentos indígenas para a catequese (CASTAGNA, 1994, p.5). Sardinha também criticou o procedimento dos missionários para as confissões, realizadas, segundo havia constatado, pelos intérpretes, e não pelos padres.

4. Em carta de 1552 ao Padre Simão Rodrigues, Nóbrega já dizia que “tinha dous meninos da terra pera mandar a V. R., os quais serão muito pera a Companhia. Sabem bem ler e escrever e cantar e são quá pregadores, e não há quá mais que aprender” (apud HOLLER, 2006, v.2, p.74).

nos começaram a levá-los em suas pregações itinerantes. A estratégia para atrair os meninos *índios para a catequese* baseava-se no poder de persuasão e comoção, uma vez que a presença dos brancos despertava desconfiança e estranheza entre os índios adultos. E era justamente pela música que os meninos índios se aproximavam, como se constata no relato de Pero Correia:

[...]foi o padre Nobrega levando um Irmão consigo e quatro meninos, e em sua peregrinação tinha esta maneira que, quando entravam em alguma aldêa dos Índios, um dos meninos levava uma cruz pequena levantada, iam cantando as ladainhas, elogio se juntava, os meninos do logar com elles. Maravilhava-se muito a gente de cousatão nova e recebia-os muito bem. Ao partir dos logares também iam cantando as ladainhas. (Carta do Irmão Pero Correia a um padre do Brasil. S/l, s/d [São Vicente, 18 de julho de 1554], p.163, apud Holler, 2006, v.2, p.94).

De acordo com O'Malley (1994, p.98, apud VILLAS BÔAS, 2009, p.164-165),

O destaque dado à capacidade de os meninos “alvorçarem” seus ouvintes conforma-se com o entendimento que os jesuítas tinham da pregação. Entre três propósitos tradicionais do sermão – o de comover, instruir e deleitar – concediam primazia ao primeiro. [...] Embora não houvesse uma única matriz, observa-se [na pregação] a recusa da tradição escolástica, por um lado, e o cultivo da tradição humanística, por outro.

O encantamento proporcionado pela música europeia e pela pregação mostrou ser uma via de mão dupla: num primeiro momento os meninos portugueses atraíam os curumins para a catequese com suas cantigas devotas, mas sabemos de um relato de Manoel da Nóbrega ao Pe. Simão Rodrigues, datado de 1552, que estes mesmos meninos *já haviam se acostumado a cantar música indígena com letra devocional em tupi, e a tocar os instrumentos dos nativos* (TINHORÃO, 2000, p.28-29)³.

Não tardou para que alguns meninos índios, instruídos pelos jesuítas, fossem arrematados como colaboradores dos padres, inclusive na pregação⁴. Tal prática exigia conhecimento teológico e de retórica clássica, “mas era cor-

rente entre os jesuítas não apenas do Brasil, mas também da Europa, fazerem noviços ou ‘escolásticos’ ainda sem conhecimento teológico sair em pregações itinerantes” (VILLAS BÔAS, 2009, p.165).

As crianças que se destacavam no aprendizado da doutrina eram encaminhadas aos colégios para complementar sua formação; depositava-se nelas a esperança da efetividade da catequização junto aos demais índios, tal como observa Villas Bôas (2009, p.168):

Apesar da composição mista dos alunos, o programa missionário implantado pelos colégios fazia clara distinção entre eles. Os meninos órfãos enviados de Lisboa de 1550 a 1555 são percebidos como instrumentos para “atrair” (Nóbrega, 2000, p. 87) e “ganhar” os da terra através de seus “cantares” (Nóbrega, 2000, p. 266). A observação lapidar de Nóbrega de que os colégios serviam sobretudo para “criar meninos do gentio” (Nóbrega, 2000, p. 138) é inextricável da função apostólica e disciplinadora que os missionários lhes atribuíam. Os línguas pregadores que neles se formavam seriam capazes de “reformatar” os seus pais, exortando-os a abandonar os “maus costumes”.

São vários os relatos em que os padres comemoram a conversão das crianças e atribuem a elas a propagação da doutrina aos pais e aos adultos das aldeias. Mas, considerando a pouca experiência religiosa destes meninos e meninas, o vocabulário restrito, a falta de compreensão do texto em sua totalidade e o discurso não reflexivo que praticavam em suas pregações, podemos imaginar que o poder de persuasão destas crianças era extremamente frágil e ineficaz. Mesmo os irmãos *línguas* não tinham a mesma formação teológica dos padres, como vimos. Não seria, certamente, pela palavra que os adultos se converteriam.

3. O USO DA MÚSICA E DOS INSTRUMENTOS PELOS JESUÍTAS

O desejo de integração e conversão idealizado pelos jesuítas nunca foi consumado de fato. E nem poderia ter sido diferente, tendo em conta que aos índios foram impostos modelos europeus de organização do trabalho, da socieda-

de e da disciplina cristã, num processo de sufocamento de seus costumes e sua cultura.

Neste ambiente inóspito, a música chegou como uma possibilidade eficaz de aproximação. De fato, ela veio não apenas como um meio para a integração, uma linguagem capaz de conectar realidades culturais tão distantes. Servindo a crenças, temores, à fé e ao consolo de todos, de maneira supranatural, ela assumiu um papel fundamental na sociedade que se estabelecia.

Constatamos o uso da música pelos missionários praticamente desde que chegaram ao Brasil. Às crianças indígenas, principal alvo da catequese dos jesuítas, os padres e irmãos não tardaram a ensinar música, tanto o canto como alguns instrumentos, num esforço para concretizar sua ação pedagógica e a conversão cristã. O repertório praticado pelos meninos incluía orações cantadas, ladainhas (cantadas em procissões), laudas, cantigas e hinos, como o *Te Deum*.

A maior parte do repertório era monódico e, embora essencialmente vocal, era frequentemente realizado em instrumentos, notadamente em flautas, que os meninos aprendiam no contexto da catequese⁵. O aprendizado se dava oralmente, por repetição e memorização; não há registros de ensino da teoria musical. Tal metodologia não se restringia às colônias; nos colégios europeus também se encontram evidências do uso de diálogos e aprendizado de canções de memória, como explica Orden, sobre o ensino da doutrina na França:

Muito [do repertório devoto], se não todo ele, poderia ser aprendido oralmente em aulas que operavam usando a metodologia de diálogos típica da catequese: perguntas sucintas, respostas memorizadas e instrução oral. Assim como as respostas cantadas na missa, que todas as crianças deveriam aprender, essas canções parecem ter sido projetadas para ser ensinadas e cantadas de memória⁶ (ORDEN, 2006, p.232-233).

Ao memorizar as melodias, os meninos estariam também memorizando os textos da doutrina, ainda que não compreendessem seu conteúdo.

Havia também repertório polifônico, possivelmente adaptado a *consorts* (conjuntos) de flautas e realizado como

5. Para um maior detalhamento do uso das flautas pelos jesuítas, bem como de aspectos do ensino e prática da música nas missões brasileiras, ver AGUILAR, 2017, p.44-95.

6. "Much if not all of this might have been learnt by ear in classes that operated using the dialogic methods typical of catechistic teaching: succinct questions, memorised responses and oral instruction. Like the sung responses at Mass that all children were expected to learn, these songs seem designed to be taught by rote and sung from memory."

*canto de órgão*⁷ nas missas. É possível que a flauta tenha sido utilizada em outros contextos, como na realização de cânones didáticos, em autos e peças teatrais de cunho religioso e em cerimônias de láurea.

Os cânones a uníssono (ou oitava) eram ensinados para introduzir polifonia às crianças. Orden (2006, p. 233) constata que eles estão presentes em um grande número de cartilhas europeias do período e que, assim como o restante do repertório, também poderiam ser aprendidos de memória. A autora observa ainda que

enquanto as canções homofônicas ensinavam as crianças a falarem juntas ao mesmo tempo e adequavam sua dicção às normas, os cânones as ensinavam a manter-se em seu lugar em circunstâncias mais complexas, a concentrar-se e a contribuir com uma única voz para a harmonia⁸ (ORDEN, 2006, p.245).

Notamos no texto de Orden que o aprendizado da música servia também para o aprendizado da disciplina e da ordem social. Se por um lado a música proporcionava a experiência artística, transcendente, mística, funcionando “como elemento de religião, isto é, de religação, de força ligadora, unanimizadora, defensiva e protetora dos diversos indivíduos sociais que se ajuntavam sem lei nem rei” (ANDRADE, 1991, p.16), por outro ela fazia com que todos falassem juntos os textos devotos, na mesma língua, na mesma entonação e no mesmo ritmo, sem brechas para questionamentos ou dúvidas.

José Miguel Wisnik faz uma interessante reflexão sobre a força da música, particularmente realizada em uníssono, na idealização de uma sociedade sem conflitos:

Um único som afinado, cantado em uníssono por um grupo humano, tem o poder mágico de evocar uma fundação cósmica: insemína-se coletivamente, no meio dos ruídos do mundo, um princípio ordenador. Sobre uma frequência invisível, trava-se um acordo, antes de qualquer acorde, que projeta não só o fundamento de um cosmos sonoro, mas também do universo social. As sociedades existem na medida em que possam fazer música, ou seja, travar um acordo mínimo sobre a constituição de uma ordem entre as violências que possam atingi-las do exterior e as violências que as dividem a partir do seu interior. Assim a música se oferece tradicionalmente como o mais intenso modelo utópico da sociedade harmonizada e/ou, ao mesmo tempo,

7. O termo “canto de órgão” é usado na Península Ibérica aproximadamente entre os séculos XIII e XVIII. É sinônimo de canto polifônico, assim como canto figurado. São termos que indicam composições realizadas em notação com métrica proporcional, ou seja, com uso de figuras rítmicas (daí figurado). Eram usados em oposição ao canto gregoriano ou canto plano, realizados com notação neumática, que só indica a altura dos sons, e não a duração.

8. “And while homophonic songs taught children to speak together in time and constrained their diction to the norms, canons taught them to hold their place in more complex circumstances, to concentrate, and to contribute a unique voice to the harmony.”

a acabada representação ideológica (simulação interessada) de que ela não tem conflitos (1989, p.30).

9. A transcrição deste relato está em HOLLER, 2006, v.2, p.14-141.

Analisando alguns relatos jesuítas, como a *Carta para o Padre Provincial de Portugal* (Bahia, 1565), de Antonio Blasques⁹, percebemos que era justamente na realização do repertório devoto pelas crianças-flautistas que se percebia a concretização de uma sociedade em harmonia, utópica, convenientemente convertida. Ao afirmar que, para o Bispo e demais autoridades eclesiásticas presentes, “todo o regozijo era ver os Indiosicos Brasis tangerem as suas flautas [...] porque nisto parece que punham muita parte do seu contentamento”, Blasques evidencia um aparente descaso com a real assimilação da doutrina pelos curumins, e a valorização dada à capacidade de reproduzir o repertório em conjunto, mostrando organização e obediência a seu mestre.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da doutrina aos índios nas missões jesuítas era realizado fundamentalmente por intérpretes, os chamados *línguas*, que não tinham formação adequada em teologia e retórica. Muitos destes intérpretes eram crianças indígenas recém educadas, que pouco haviam assimilado o conteúdo dos textos devotos.

A música era utilizada inicialmente como um atrativo para a doutrina, especialmente para chamar as crianças indígenas para a catequese. Num outro momento, a realização do repertório devoto cantado em uníssono funcionava como um reforço para a memorização dos textos.

Quando realizado por instrumentos, sobretudo por flautas, tal repertório funcionava como um trunfo para a disciplina e organização dos curumins, impressionando até mesmo os padres visitantes, que viam naquela manifestação a esperança de êxito da atividade missionária.

Se a palavra é necessária para concretizar e explicitar o pensamento, enquanto a música potencializa seu significado, nas missões jesuítas brasileiras os papéis parecem ter se invertido: a música serviu antes como recurso de assimilação, e a palavra, em língua desconhecida, constituidora de um texto complexo, foi por muitas vezes elemento acessório e não totalmente assimilado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUILAR, Patricia Michelini. *A flauta doce no Brasil: da chegada dos jesuítas à década de 1970*. Tese (Doutorado em Música), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da música brasileira*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

BARROS, Maria Cândida. Entre heterodoxos e ortodoxos: notas sobre catecismos dialogados na Europa e nas Colônias no século XVI. In: *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 5, n. 4, 2008, p. 1-20.

CASTAGNA, Paulo. A música como instrumento de catequese no Brasil dos séculos XVI e XVII. In: *D.O. Leitura*, n. 143, 1994, p.6-9.

HOLLER, Marcos. *Uma história de cantares de Sion na terra dos Brasis: a música na atuação dos jesuítas na América Portuguesa (1549-1759)*. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

NUNES, Antonietta d'Aguiar. Educação jesuítica na Bahia colonial: colégio urbano, internato em seminário, noviciado. In: *Mneme – Revista de Humanidades da UFRN*, v.9, n. 24, 2008. (II Encontro Internacional de História Colonial, Natal, 16 a 19 set. 2008). Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais>. Acesso em 01 de junho de 2016.

O'MALLEY, John. How the First Jesuits Became Involved in Education. In: DUMINUCO, Vincent (ed). *The Jesuit Ratio Studiorum: 400th Anniversary Perspectives*. New York: Fordham University Press, 2000, p. 56-74.

ORDEN, Kate van. Children's Voices: Singing and Literacy in Sixteenth-Century France. In: *Early Music History*, v. 25, 2006, p. 209-256.

TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000.

VILLAS BÔAS, Luciana. Língua da pregação. Os meninos da terra e as missões jesuíticas no Brasil (1549-1555). In: *Revista USP*, n. 81, 2009, p. 161-172.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido. Uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.